

As tarefas da filosofia na contemporaneidade

Severino Dias da Costa Filho¹

Inicialmente gostaria de agradecer o convite para participar dessa mesa de debate sobre o papel da Filosofia na contemporaneidade. Fico feliz ao estar entre colegas que fazem o Curso de Filosofia e, como eu egressos da UNICAP.

Ao longo da história podemos constatar que a evolução das sociedades vem acompanhada pelo surgimento de questões das mais diversas espécies. As necessidades humanas engendraram mitos, linguagens, técnicas, artes, e filosofias nas suas diversas formas e perspectivas. O saber filosófico em sintonia com sua realidade histórica e para além dessa propôs cosmologias e antropologias que com seu ideário fertilizou a crítica do Ser, do Estado, da política, do governo, da técnica, da linguagem entre outros. Pouca coisa escapou da avaliação filosófica, que de uma forma direta ou indireta, insistiu nos “por quês?” Nos “por que não?”. Como consequência grande parte das utopias históricas revelam as contribuições da filosofia. E foi nas utopias que se manifestou a capacidade de influenciar, de interferir nos rumos da história. Pois fez surgir novas formas de vida, maneiras de encarar a vida, de ver de forma diferente a realidade. Oscilando entre o conservadorismo e a inovação os homens não ficaram indiferentes a Filosofia. Com suas ferramentas de crítica e autocrítica rompeu com a ingenuidade e o dogmatismo abrindo os caminhos da transformação antropológica, social e científica. Fato relevante é que a contribuição filosófica sempre marcou os relacionamentos dos homens como seres transcendentais, sociais, econômicos. Quase nada escapou a influência filosófica.

Cada sistema, corrente ou paradigma filosófico foi construído a partir da concretude ou da imaginação da realidade humana. Problemáticas situadas no tempo e no espaço provocaram não apenas o saber técnico, mas concomitantemente o pensar filosófico. Cabe re-

¹ Mestre em Filosofia, professor da UNICAP.

petir que a Filosofia é filha do seu tempo. E foi para esse tempo que ela propôs dúvidas, reflexões, caminhos, e até mesmo incertezas e por vezes dogmas. Mas foram os princípios lógicos que estabeleceram diretrizes e regras para assertividade do saber filosófico, científico e tecnológico. O que seria das civilizações sem os princípios lógicos e epistemológicos balizadores de todas as áreas do conhecimento. Como imaginar a ausência desses princípios na Matemática e nas suas diversas aplicações, como na Física, Química, Biologia, nas ciências aplicadas? O que seria da Moral, da Ética, do Direito, da Política se não houvesse uma hierarquia de princípios facilitadores da razão?

Direta ou indiretamente a Filosofia contribuiu e marcou a racionalidade humana, o destino do planeta, o que somos e podemos ser.

Vejo a Filosofia como um laboratório das idéias. Nesse laboratório trabalhamos no garimpo, na arqueologia, na depuração, no desenvolvimento das diversas idéias que afloram o conhecimento. Seu instrumento principal é a linguagem, como possibilitadora da intersubjetividade e entendimento. Através dela surge a prática comunicativa que proporciona a satisfação das necessidades e mediação das perspectivas de mundo.

As especializações da Filosofia já revelam suas tarefas históricas e atuais. Vejamos as tarefas da Lógica, da Gnosiologia, da Antropologia filosófica, a Cosmologia, da Filosofia Social, da Epistemologia, da Ética, da Estética entre outras. Estas são tarefas clássicas, contemporâneas e de todas as épocas. Não cabe nesse momento entrar no mérito das metafilosofias.

Vamos nos deter nas tarefas da Filosofia na contemporaneidade, o que poderíamos fazer salientando as contribuições das especialidades já elencadas. Foram essas que engendraram o mundo Moderno, de que a contemporaneidade é devedora e continuadora. A contemporaneidade é signatária da Filosofia Moderna, pois a Filosofia se infiltrou na cultura como um todo. O Projeto Moderno passa pela Filosofia, absorvendo de boa parte da sua tradição. As revoluções modernas, que continuam na contemporaneidade, que refletem as mais antigas e nobres aspirações humanas, ganharam forças graças à interferência direta dos filósofos. As transformações antropológicas, políticas, religiosas e sociais indicam a credibilidade

da Filosofia, que criticou, construiu, rejeitou ou validou várias vertentes do pensar e agir moderno.

A Filosofia trouxe otimismo, e assim o foi na maioria das vezes. Como exemplo destacamos a crença no poder da Razão, universal ou humana. Em alguns momentos a crítica cedeu espaço ao pessimismo, a descrença no futuro do homem e seu mundo.

A Filosofia nunca foi uniforme e foi diversidade de correntes metodológicas que fez crescer seu ideário. Foi na Modernidade que a Filosofia conheceu de perto e radicalizou o subjetivismo, trazendo a necessidade da tolerância em todos os aspectos. Proliferaram correntes filosóficas numa multiplicidade de vozes, fruto da democratização do conhecimento e da fala. As várias correntes revelam sua riqueza e traduzem as várias compreensões da tarefa filosófica. Tarefas e compreensões tão complexas quanto à própria Modernidade.

Na “Era da Ciência” a Filosofia perdeu em status. Outrora a Filosofia deteve para si a tarefa de “Rainha do saber”, de mediadora dos saberes. A crítica e autocrítica impuseram a Filosofia tarefas mais modestas. No entanto, alguns filósofos ainda perseguem o status de cientistas.

O critério de cientificidade e demarcação do saber retira da Filosofia várias prerrogativas e privilégios. Um dos mestres da desconfiança, Freud, afirma que a Psicanálise não é filosofia, e insiste nas diferenças. Dentre elas a universalidade, a metodocidade, a objetividade e, sobretudo a aplicabilidade. Dessa forma, as ciências, por vezes consideradas filhas ingratas da Filosofia, tomaram desta boa parte do seu objeto e objetivo, colocando em xeque sua razão de ser. Fato agravado pela crise da Metafísica e emergência do pensamento pós-metafísico, por vezes pós-filosófico.

As várias vozes da Filosofia contemporânea, que por um lado traduzem uma riqueza de idéias, por vezes contraditórias, e poucas vezes convergentes, doutro lado acarretaram numa descreça dos mestres pensadores. Alguns insistiram na tradição e caíram numa “filosofia filosofada” ao invés de uma “filosofia filosofante”. Infelizmente uma parte da Filosofia tornou-se ornamental, repetido chavões e frases de efeito que descontextualizados deixam de traduzir boa parte do potencial filosófico. Sem esquecer que o pensamento clássico, é clássico

justamente por que apesar da distância temporal, possui uma mensagem duradoura, visto que algumas propostas filosóficas ultrapassam o seu tempo e continuam a inspirar utopias e revoluções. Contudo, não falta quem advogue a inutilidade e anuncie o fim da filosofia.

Inegavelmente alguns capítulos da Filosofia podem ser relegados a história, mas nem por isso devem ser esquecidos, pois nem os equívocos históricos podem ser olvidados. Na perspectiva do filósofo da ironia, Bertrand Russell, “por que cometer erros antigos se há tantos novos a escolher?”, erros que só poderemos evitá-los conhecendo a história e sua filosofia.

Voltando à tarefa da Filosofia creio que para além dos atuais ceticismos, cientificismos, irracionalismos e desconstrutivismos, devem ser mantidas boa parte da empreitada filosófica, uma vez que o projeto filosófico continua atual e necessário. Na contemporaneidade concordo com Habermas que cabe a Filosofia a tarefa de ser a guardião da racionalidade, de recuperar as utopias, visto que ainda convivemos com a violência, com a exclusão social, com o comprometimento da ecologia.

A atualidade da Filosofia está no combate aos imperativos do mercado, à crescente tecnização da vida, a transformação da ética num apêndice da civilização. A práxis filosófica deve transformar as conseqüências sócio-econômicas, políticas e ecológicas do pensar e agir humano. Para além do pessimismo moderno que constata a crescente onda de relativismos aliado ao reducionismo economicista que descambam num *niilismo* ético, cabe a Filosofia alertar para suas conseqüências. Entre as tarefas da Filosofia na atualidade destaco a manutenção da crítica motivadora do otimismo, da crença no poder crescente da democracia, das verdadeiras conquistas sociais, científicas e tecnológicas.

Cabe a Filosofia a reconstrução das formas de vida e a reestruturação da razão, de forma que atuando cooperativamente com as ciências possibilite uma racionalidade comunicativa e libertadora, que reconheça seu caráter falibilista, e deixe de lado pretensões fundamentalistas. Impõem-se à filosofia tarefas reconstrutivas, cabe à filosofia promover, numa linha emancipadora, os processos de auto-entendimento do mundo da vida.